



FILOSOFIA DA PRÁXIS LATINO-AMERICANA: A RADICALIDADE DO IDEÁRIO CRÍTICO EM PAULO FREIRE *

*Latin American philosophy of praxis: the radicality of the critical ideas
in Paulo Freire*

Daniel Ribeiro de Almeida Chacon **

Resumo: O presente artigo propõe-se a examinar a dimensão filosófica subjacente à pedagogia do(a) oprimido(a) em Paulo Freire, evidenciando seu caráter revolucionário enquanto práxis latino-americana. Nesse sentido, objetiva-se demonstrar como o ideário freiriano se configura como uma forma de conscientização crítica da classe oprimida diante dos mecanismos de alienação capitalista que permeiam o trabalho e a cultura. Nesse quadro, realizaremos uma investigação da constituição da pedagogia do(a) oprimido(a) como ideário radical cuja inspiração, entre outras fontes, reivindica a presença de um diálogo crítico com a literatura marxiana. Isso posto, nossa ênfase será primordialmente direcionada à análise da obra *Pedagogia do oprimido*, destacando suas contribuições para um entendimento mais profundo da práxis emancipadora freiriana. As considerações delineadas neste artigo situam-se na perspectiva de que a pedagogia da(o) oprimida(o) se consubstancia como uma filosofia latino-americana cuja finalidade reside na interpretação e transformação significativa da realidade histórico-social e econômica hodierna.

Palavras-chave: Paulo Freire. Filosofia da práxis. Opressores(as)-oprimidos(as). Radicalidade.

* Artigo recebido em 04.06.2024 e aprovado para publicação em 26.09.2024.

Este artigo é uma adaptação de um excerto da Tese, de nossa autoria, intitulada “Filosofia da práxis: o problema da alienação humana em Karl Marx e Paulo Freire”. A pesquisa aqui realizada contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

** Doutor em Filosofia (UnB), professor efetivo e pesquisador no Departamento de História na Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/CBH/UEMG). E-mail: daniel.chacon@educacao.mg.gov.br.

Abstract: This article proposes to examine the philosophical dimension underlying Paulo Freire's pedagogy of the oppressed, highlighting its revolutionary nature as a Latin American praxis. In this sense, it aims to demonstrate how Freirean thought is configured as a form of critical consciousness for the oppressed class in the face of the capitalist alienation mechanisms that permeate labor and culture. In this context, we will investigate the constitution of the pedagogy of the oppressed as a radical set of ideas, whose inspiration, among other sources, claims the presence of a critical dialogue with Marxian literature. That said, our emphasis will primarily focus on analyzing *Pedagogy of the oppressed*, highlighting its contributions to a deeper understanding of Freirean emancipatory praxis. The considerations outlined in this article are situated in the perspective that the pedagogy of the oppressed constitutes itself as a Latin American philosophy whose aim lies in the interpretation and significant transformation of contemporary socio-historical and economic reality.

Keywords: Paulo Freire. Philosophy of praxis. Oppressors-oppressed. Radicality

Introdução

Os anos 1960, nos quais a pedagogia do(a) oprimido(a)¹ se inscreveu, representam um momento singular e incontornável para a constituição do ideário crítico freiriano. Esse período foi marcado permanentemente pela intensidade dos debates acadêmicos e filosóficos acerca da teoria da alienação marxiana, delineada sobretudo nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, cuja influência certamente se fez sentir na filosofia da práxis freiriana.² É oportuno destacar que foi justamente nesse contexto complexo e transformador que as experiências pedagógicas inspiradoras

¹ Optamos por intercambiar as flexões de gênero em expressões como pedagogia do(a) oprimido(a) e/ou pedagogia da(o) oprimida(o), dentre outras, em razão de uma importante ponderação de Paulo Freire em *Pedagogia da esperança* que, com propriedade, revisa o problema da linguagem utilizada em *Pedagogia do oprimido*: “daquela data até hoje me refiro sempre a mulher e homem ou seres humanos. Prefiro, às vezes, enfeiar a frase explicitando, contudo, minha recusa à linguagem machista” (FREIRE, *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 23. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016b, p. 68). No entanto, embora Freire tenha posteriormente reconhecido os problemas do uso de uma linguagem com contornos sexistas, as citações dos excertos freirianos obedecerão à forma original, mas compreendidas à luz do que se expõe aqui. Com efeito, a expressão pedagogia do(a) oprimido(a) e/ou pedagogia da(o) oprimida(o) refere-se ao ideário crítico-filosófico freiriano como um todo, e não apenas ao livro homônimo.

² “A ninguém escapa, por outro lado, que a riqueza das análises críticas da alienação social e econômica de Marx nos *Manuscritos de 1844*, estão presentes nas análises que Freire faz sobre a alienação na linguagem” (TORRES, Carlos Alberto. Paulo Freire. A dialética hegeliana e o pensamento lógico-estrutural de Paulo Freire, in *Síntese*, Belo Horizonte, v. 3, n. 7, 1976, p. 70). Ademais, o próprio Paulo Freire se refere diretamente aos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* na *Pedagogia do oprimido* (vide FREIRE, *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016c, p. 153).

e inovadoras de Paulo Freire ganharam notoriedade,³ culminando com a publicação, em 1968, de sua principal obra, a *Pedagogia do oprimido*.⁴ A efervescência filosófica da época teve, portanto, papel preponderante no forjar da concepção crítica e radical freiriana. Essa perspectiva educacional e filosófica latino-americana, tornou-se, pois, uma inestimável aliada na luta contra a opressão, alienação, desumanização e a desigualdade social.

A presente investigação versa, portanto, sobre os aspectos basilares da constituição filosófica da pedagogia do(a) oprimido(a),⁵ tendo em vista a sua natureza enquanto manifestação de uma práxis radical, a qual se inspira em diferentes fontes,⁶ dentre as quais merecem destaque as interações marxianas.

³ Apesar da célebre experiência de alfabetização de adultos na cidade de Angicos, RN ter sido realizada nos primórdios da década de 1960, as práticas de alfabetização adotadas no mencionado contexto foram intensamente influenciadas por experiências educativas anteriores de Paulo Freire. Dentre estas, destacam-se as iniciativas empreendidas no âmbito do Serviço Social da Indústria (SESI-PE), no que tange ao setor de Educação e Cultura, bem como as atividades conduzidas no âmbito do Movimento de Cultura Popular (MCP); para isso, vide FREIRE, Ana Maria Araujo. *Pedagogia da libertação em Paulo Freire*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017b, p. 70-109.

⁴ Nesse sentido, Ana Maria Araújo Freire afirma que “a ‘pedagogia do oprimido’ traduz a leitura de mundo de Paulo Freire, carregada da paixão pela vida, dialeticamente relacionando emoção e razão, teoria e prática, explicitadas por meio da indignação e do amor, da denúncia e da esperança, dos limites e da liberdade, da ética e da estética, da palavração e da práxis. É a sua identidade maior, profunda, plena e vibrante. Enfim, a ‘pedagogia do oprimido’ como um todo, e não só a *Pedagogia do oprimido*, é a síntese da vida de Paulo Freire, de seu modo de viver e entender o mundo” (FREIRE, Ana Maria Araujo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017a, p. 29-30). Ainda nessa perspectiva, o teólogo Leonardo Boff, ao prefaciá-la *Pedagogia da esperança*, faz a seguinte apreciação: “Pedagogia do oprimido é mais que um livro, é antes uma prática pedagógica que, num momento de seu processo de constituição, ganhou corpo numa escritura. Prática pedagógica que parte de uma clara opção ético-humanística prévia: o amor ao ser humano oprimido contra a sua opressão e em favor da vida e da liberdade” (BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 23. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2016, p. 9).

⁵ Consideramos, pois, a observação de Rossi, segundo a qual “[...] um erro comum na análise do trabalho de Freire é exatamente ignorar-se a clara evolução das suas concepções, que começa por um idealismo moldado por sua vinculação ao pensamento católico moderno, chegando até seu crescimento em direção à abordagem dialética da realidade, que caracteriza seus últimos escritos. Se sua *Educação como prática da liberdade* é influenciada por concepções de Jaspers e Marcel no nível filosófico, a *Pedagogia do oprimido* já mostra uma clara aproximação da melhor tradição radical, de Marx e Engels aos modernos revolucionários [...] e de outras linhas de análise crítica contemporânea [...]” (ROSSI, Wagner. *Pedagogia do Trabalho*. Caminhos da educação socialista. São Paulo: Moraes, 1982, p. 90-91). Desse modo, Rosa Maria Torres expressa com maior precisão a natureza do desenvolvimento do criticismo freiriano ao dizer que “[...] lo que hay es un solo Freire en movimiento” (TORRES, Rosa. *Educación popular: un encuentro con Paulo Freire*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988, p. 27).

⁶ De acordo com Ivanilde de Oliveira, “a proposta freireana de educação humanista e libertadora apresenta tanto influência do personalismo e do existencialismo (sendo considerado, por Saviani, um escolanovista) quanto do marxismo (Libânio e Luckesi referem-se ao pensamento educacional de Paulo Freire a partir de sua tendência marxista)” (OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Leituras freireanas sobre educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 31).

1. A contradição opressores(as)/oprimidos(as): definições preliminares

A pedagogia do(a) oprimido(a) aproxima-se do horizonte marxista, que busca interpretar as complexas interações sociais, políticas e econômicas a partir da lógica da exploração inerente ao sistema capitalista.⁷ Os postulados filosóficos de Freire são caracterizados por uma profunda aspiração de superação, compreendida como a concretização do conceito marxiano de *Aufhebung*, que engloba a negação, a conservação e a transcendência dos aspectos constitutivos do sistema capitalista.⁸

Dessarte, os termos opressores(as) e oprimidos(as) aludem a classes sociais diametralmente opostas e em conflito, cujos papéis distintos emergem no contexto da apropriação dos meios de produção. Os(as) opressores(as) são aqueles(as) que exercem uma posição de supremacia sobre os recursos produtivos, exercendo um domínio de poder e autoridade sobre os(as) oprimidos(as), os(as) quais são privados(as) de acesso e controle desses meios, assim como das benesses provenientes de seu próprio trabalho. Em síntese, essa divisão de classes, profundamente enraizada na propriedade dos meios de produção, resulta em uma dinâmica desigual de relações sociais, em que os(as) opressores(as) perpetuam sua posição como detentores(as) do poder, enquanto os(as) oprimidos(as) são subjugados(as) à condição de subordinação, exploração, alienação e desumanização.

Na *Pedagogia do oprimido* aparecem os indícios incontornáveis, por conseguinte, de uma adesão primordial ao postulado de Marx e Engels, conforme afirmado nas páginas iniciais do *Manifesto comunista*, em que se proclama que “opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta”.⁹ Dessa forma, a categorização de classes opressoras e oprimidas está intrinsecamente vinculada a outra designação de uso marcante no pensamento marxiano: “a sociedade

⁷ No entanto, nas publicações anteriores a seu *magnum opus*, *Pedagogia do oprimido*, a perspectiva dialógica com o marxismo ainda não havia adquirido seu pleno desenvolvimento. Freire, posteriormente, criticou os momentos ingênuos presentes em seus primeiros escritos: “na medida em que, sobretudo nos meus primeiros trabalhos teóricos, nenhuma ou quase nenhuma referência fiz ao caráter político da educação e em que deixei de lado o problema das classes sociais e de sua luta, abri caminho a numerosas interpretações e práticas reacionárias da conscientização, o que vale dizer, a distorções do que ela realmente deve ser” (FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e Outros escritos*. 15. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015a, p. 219).

⁸ Como lembra Mészáros, “*Aufhebung*” significa, simultaneamente, “transcendência”, “supressão”, “preservação” e “superação” (ou suplantação), no sentido de conduzir a um nível superior (MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2016).

⁹ MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 40.

divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado”.¹⁰

Com efeito, no âmbito do pensamento crítico freiriano, o atributo distintivo tanto das(os) oprimidas(os) quanto das(os) opressoras(es) reside, pois, em sua vinculação a contrastantes estratificações sociais. No drama da atualidade histórica, os seres humanos se constituem socialmente através da classe que exerce opressão e da classe que é oprimida.¹¹ Nessa relação dialética¹² em que se encontram imersos, impõe-se a necessidade premente de reconhecer o antagonismo intrínseco que permeia uma classe em relação à outra.¹³ Assim sendo, urge que a(o) oprimida(o) interiorize sua própria identidade como elemento integrante de uma classe social. A consciência crítica das(os) oprimidas(os), desse modo, implica uma “consciência de si, enquanto ‘classe para si’”.¹⁴

Como Avelino Oliveira justamente ressalta,¹⁵ persiste a convicção de que a categorização de oprimidos(as) e opressores(as) é um aspecto intrínseco à teoria de luta de classes, mesmo no *corpus* freiriano do período mais recente. Numa de suas últimas obras, *Pedagogia da esperança*, Freire afirmou categoricamente: “falei ontem de classes sociais com a mesma independência e consciência do acerto com que delas falo hoje”.¹⁶ Nesse escrito, o autor adota ainda um tom sarcástico para repelir aquelas críticas que contestavam a precisão das designações “opressor(a)” e “oprimido(a)” no contexto da luta de classes:

[...] Impossível que, após a leitura da *Pedagogia do oprimido*, empresários e trabalhadores, rurais ou urbanos, chegassem à conclusão, os primeiros, de que eram operários, os segundos, empresários. E isso porque a vaguidade do conceito de oprimido os tivesse deixado de tal maneira confusos e indecisos que os empresários hesitassem em torno de se deveriam ou não continuar a usufruir a “mais valia” e os trabalhadores em torno de seu direito à greve, como instrumento fundamental à defesa de seus interesses.¹⁷

¹⁰ MARX & ENGELS, *Manifesto comunista*, p. 41. “Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Por proletariado, a classe dos assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver” (Nota de F. Engels à edição inglesa de 1888).

¹¹ Cf. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 202.

¹² “A relação dialética entre oprimido e opressor é o que constitui as suas posições e os coloca em contradição. Libertação, portanto, consiste em superar a relação de opressão, a fim de eliminar esta contradição” (FERNANDES, Sabrina. *Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão e revolução*, in *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 37, nº. 135, 2016, p. 483).

¹³ Cf. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 222.

¹⁴ FREIRE, *Ação cultural para a liberdade e Outros escritos*, p. 77.

¹⁵ Cf. OLIVEIRA, Avelino da Rosa. Opressor/oprimido. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte, 2019, p. 345.

¹⁶ FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 125.

¹⁷ FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 123-124.

Nesse sentido, portanto, a opressão manifesta-se como uma força inescrupulosa, de natureza econômica, mas também política, cultural e social, que subjuga implacavelmente a classe trabalhadora, imprimindo marcas permanentes nas intrincadas teias das relações sociais. Essa força nefasta, assemelhando-se a uma praga impiedosa, infesta e corrompe o tecido social. Em suas múltiplas facetas, o sombrio e desumano semblante dos diversos abusos perpetrados contra as(os) oprimidas(os) reveste-se de concretude em distintos contextos e realidades histórico-sociais, destacando-se os casos emblemáticos da alienação da classe trabalhadora, do patriarcado, da homofobia, do racismo, dentre outros.

Na interpretação freiriana, verifica-se uma notável complexidade nas relações entre os agentes opressores e os indivíduos oprimidos. Aqueles(as) que padecem sob a opressão podem, com frequência, abrigar dentro de si a própria figura do(a) opressor(a), constituindo, paradoxalmente, uma dualidade. Desse modo, o comportamento dos oprimidos(as) assume uma tendência prescritiva e heterônoma, caracterizada por uma internalização da consciência do(a) opressor(a), na qual aspiram tornar-se semelhantes àqueles(as) que os subjagam, do que resulta um estado de alienação e fatalismo.¹⁸

Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua *alienação* querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. Isto se verifica, sobretudo, nos oprimidos de “classe média”, cujo anseio é serem iguais ao “homem ilustre” da chamada classe “superior”.¹⁹

À vista disso, Freire identifica o processo de alienação nos limites do quadro de exploração capitalista, de forma semelhante ao que foi delineado por Karl Marx. Da contradição opressores(as)/oprimidos(as), intuem-se relações desumanizadoras e dominadoras que subjagam profundamente a classe trabalhadora. Nesse quadro, a alienação é expressa por Freire a partir de conceitos análogos como “invasão cultural”, “domesticação”, “cultura do silêncio”, “opressão”, “desumanização”, “mecanicismo”, dentre outros.

A interpretação freiriana da alienação revela-se complexa e multifacetada. No entanto, é importante destacar que aqui não nos será possível aprofundar plenamente tal questão, uma vez que a apreensão do conceito, conforme delineado por nosso autor, requer a exploração de temas cujo desenvolvimento extrapola os limites deste trabalho. Portanto, nossa tarefa aqui se restringe a mapear inicialmente o quadro teórico freiriano em que se discute essa questão, que é o desenvolvimento de uma pedagogia do(a) oprimido(a) como filosofia da práxis.

¹⁸ Cf. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 65-71.

¹⁹ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 91-92, grifo nosso.

Assim sendo, cumpre-nos reconhecer aqui que, embora Paulo Freire faça uma crítica contundente aos efeitos deletérios do sistema capitalista na esfera social, seu enfoque não se volta exclusivamente para a problemática da propriedade privada dos meios de produção. Não obstante, a partir de sua produção teórica, é possível apontar, seguramente, uma postura rigorosamente crítica em relação às desigualdades econômicas e à centralização do capital em poucas mãos, o que implica em inequívoco apreço pela adoção de medidas destinadas a superar tais disparidades e a fomentar uma distribuição equânime dos recursos econômicos.²⁰

Indubitavelmente, para o ideário crítico freiriano, a lógica inerente à exploração capitalista representa o grande obstáculo histórico a ser superado. A pedagogia da(o) oprimida(o), inspirada pela filosofia marxiana, problematizou a realidade a partir dos seres humanos e de sua atividade concreta, isto é, de seu processo de vida real para compreender as condições concretas da existência. Considerando, pois, a concretude e historicidade da existência humana, ocorre a imersão na reflexão e na abstração, com o objetivo de compreender e transformar a realidade. Desse modo, a dimensão filosófica da pedagogia da(o) oprimida(o) adquire uma natureza dialético-histórica, dedicando-se à práxis para a superação da alienação.

Nesse cenário, o ideário filosófico em Paulo Freire integra as lutas em curso de uma diversidade de movimentos sociais, envolvendo coletividades que historicamente têm sido submetidas à exploração e ao opressivo silenciamento. De acordo com Glass, “a força da crítica modernista de Freire a respeito da desumanização e da opressão deve ser integrada a uma compreensão mais crítica da identidade como maleável, dinâmica e contraditória, tanto em nível de indivíduo como de grupos, sendo classes, raças ou gêneros”.²¹

No entanto, Glass²² ainda ressalta que a concepção binária universalista de opressor(a)/oprimido(a), defendida por Paulo Freire, suscitou sérias críticas, uma vez que é objeto de acusações quanto à suposição de uma uniformidade na vivência da opressão, desconsiderando, segundo seus críticos, as especificidades inerentes a categorias como raça, gênero e sexualidade.²³

²⁰ “Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais” (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 51. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015b, p. 100).

²¹ GLASS, Ronald David. Revisitando os fundamentos da educação para a libertação: o legado de Paulo Freire, in *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 3, 2013, p. 835.

²² GLASS, Revisitando os fundamentos da educação para a libertação, p. 841.

²³ Vide as críticas de ELLSWORTH, Elizabeth. Why Doesn't This Feel Empowering? Working through the Repressive Myths of Critical Pedagogy, in *Harvard Educational Review*, Cambridge, MA, vol. 59, nr. 3, p. 297-324, 1989 e WEILER, Kathleen. Freire and a Feminist Pedagogy of Difference, in *Harvard Educational Review*, Cambridge, MA, v. 61, n. 4, p. 449-474, 1991.

Sob nossa interpretação, a abordagem crítica de Paulo Freire não visava à hierarquização das vivências de opressão nem mesmo à negação das nuances sociais de diferentes grupos historicamente subjugados.²⁴ O que Freire defendeu foi, de fato, a promoção de uma forma de unidade na diversidade entre os(as) deserdados(as) da terra.²⁵ A efetivação de uma coesão no seio da diversidade, enraizada em um compromisso político, demandaria a mobilização e convergência das diversas forças sociais e culturais historicamente oprimidas, enquanto se reconhecem as complexidades resultantes das estratificações de classe.²⁶

A perspectiva freiriana, não obstante sua adesão às lutas históricas dos diversos grupos desumanizados, não se harmoniza com o postulado teórico de uma *identity politics* de inspiração foucaultiana que compreende as categorias de raça, classe, gênero e sexualidade enquanto vetores autônomos e, de algum modo, capazes de coexistirem em intersecção.²⁷ O conceito de opressão como um impulso ou desejo abstrato pela dominação, desvinculado, portanto, dos complexos problemas econômicos,²⁸ soa igualmente estranho à filosofia da práxis freiriana.

Efetivamente, a estrutura crítica subjacente à pedagogia do(a) oprimido(a) repousa no *Aufhebung* marxiano, ou seja, na superação das condições materiais do modo de produção capitalista. Essa superação se apresenta como uma exigência indeclinável para sobrepujar as injustiças históricas, inclusive as perpetradas em relação a raça, gênero, sexualidade e classe. É a partir dessa premissa que emerge o foco preponderante da abordagem freiriana.

A filosofia freiriana distancia-se, então, dos postulados político-sociais de uma esquerda de matiz liberal e identitário, a qual se dedica a um ideal

²⁴ Na própria filosofia marxiana, existe um reconhecimento explícito de que, embora os(as) trabalhadores(as) assalariados(as) sejam efetivamente explorados(as) pela burguesia, isso não implica, de forma alguma, que a exploração seja uniforme para todos(as) os(as) assalariados(as) ou que as relações entre eles(as) sejam homogêneas (cf. LESSA, Sérgio. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez. 2007, p. 198).

²⁵ Cf. FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 212.

²⁶ “Respeito a posição de vocês, mas estou convencido de que quanto mais as chamadas minorias se assumam como tais e se fechem umas às outras tanto melhor dorme a única e real minoria, a classe dominante” (FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 211).

²⁷ Aqui aludimos à definição crítica de Lewis, na qual “identity politics might be better understood as a form of schematic politics where the development of theories of oppression is detached from theories of exploitation. Race, class, nation, gender, sexuality, and disability are understood as wholly different vectors capable of intersecting” (LEWIS, Holly. *The Politics of Everybody: Feminism, Queer Theory, and Marxism at the Intersection*. London: Zed Books, 2016, p. 190).

²⁸ “Oppression is thought to emerge from an abstract lust for domination and therefore has a life separate from the economy. Although social problems might intersect – like two lines from nowhere that suddenly crash into one another at angles – they have wholly different points of origin and they jet out towards the individual, transparent, blank-slate subjects to cut through them” (LEWIS, *The Politics of Everybody*, p. 190).

abstrato de igualdade formal, ao passo que relega às margens as desigualdades econômicas basilares. Ademais, a luta circunscrita a reformas internas no sistema capitalista apenas alcança mitigar de maneira efêmera as profundas opressões e violências.

Na perspectiva freiriana, a unidade na diversidade não é consequência natural da sociedade liberal, exigindo, em contraposição, sua imprescindível superação. De maneira mais precisa, torna-se necessária a superação das estruturas capitalistas, neoliberais, que promovem perspectivas segregadoras e falsas alternativas individualistas, segundo as quais, por exemplo, os fracassos e os insucessos decorrentes de questões estruturais são imputados unicamente aos sujeitos que não lograram êxito, escudados por uma questão pessoal de atitude, jamais como uma temática associada às categorias de classe, à lógica opressora intrínseca ao capitalismo.²⁹

Com efeito, a percepção da dimensão econômica que permeia as múltiplas expressões de exploração e desumanização não pressupõe, necessariamente, um determinismo economicista no ideário freiriano. Pelo contrário, o pensamento de Freire não admite um modelo vetorial simplista e isolado, que fragmentaria e objetificaria as opressões de maneira significativa. Em oposição a isso, ele concebe as formas de opressão como resultados de desdobramentos materiais, culturais e sociais complexos, dialeticamente relacionados que, de maneira essencial, incorporam a dimensão econômica.

Ora, essa perspectiva se expressa adequadamente na leitura marxista de Holly Lewis, na afirmação de que:

Raça, gênero, religião e nação não são “coisas que acontecem com indivíduos”: são relações sociais condicionadas pelo capitalismo e condicionadas umas pelas outras. Cada relação se define por todas as outras relações com as quais ela sempre interage. [...] Não se trata da redução da experiência humana a um modelo, mas do reconhecimento de que todos existimos em um mundo – não um rio fluindo em direção a um mar de significados e verdades absolutas, mas um rio dobrando-se e desdobrando-se a partir de sua própria dinâmica interna. Essa é uma metáfora de imanência, porém não é mística. As opressões não podem ser fixadas na parede como se fossem borboletas mortas em uma coleção. Elas não nos atingem como raios vindos de pontos distintos e não relacionados.³⁰

No criticismo freiriano, a transformação substancial e permanente para superação da opressão requer, incontestavelmente, uma mudança das relações sociais de produção. No entanto, cabe compreender que a opressão, como fenômeno multifacetado e complexo, abrange aspectos culturais, políticos, sociais, além de econômicos. Para superar a opressão, importa adotar uma

²⁹ cf. BRAGA, F.; MELLO, R. R.; BACHEGA, D. A unidade na diversidade em Paulo Freire: avanços para a transformação educacional, in *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 16, 2021, p. 6.

³⁰ LEWIS. *The Politics of Everybody*, p. 195 (tradução nossa).

abordagem abrangente que considere todas as dimensões envolvidas numa complexa relação dialética. Tal abordagem requer o reconhecimento da interdependência e interconexão das várias formas de opressão e desigualdade, bem como seus efeitos na vida coletiva e individual. Somente com uma revolução sistêmica das relações de poder e produção, que sustentam a opressão e desigualdade, é possível a suplantação do regime capitalista.

2. A radicalidade da pedagogia do(a) oprimido(a)

A radicalidade³¹ constitui uma faceta onipresente na trajetória teórico-prático de Paulo Freire.³² Essa dimensão ganha destaque, inclusive, numa das últimas obras do nosso autor, a saber, *A sombra desta mangueira*. Aí o autor demonstra seu compromisso crítico até os últimos momentos de sua vida,³³ por meio de uma análise madura, ao denunciar enfaticamente os valores utilitaristas e consumistas inerentes à era pós-moderna neoliberal. A radicalidade do pensamento de Freire denota, assim, um compromisso inalienável na luta contra a opressão capitalista. Conforme destacam Marques, Oliveira e Bonfim,³⁴ a apreensão da radicalidade em Paulo Freire se revela como um movimento que busca adentrar às raízes das coisas, transcendendo o mero discurso vazio e a retórica superficial.

³¹ O conceito de radicalidade no desenvolvimento do pensamento crítico de Paulo Freire adquire diferentes nuances, embora nunca assuma formas completamente distintas. Na obra *Educação como prática da liberdade*, o conceito está diretamente relacionado a uma perspectiva cristã progressista, sendo situado por Freire no universo filosófico de Emanuel Mounier (FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b, p. 71). Por sua vez, a partir de *Pedagogia do oprimido*, o termo se aproxima com maior afinidade do conceito marxiano de radicalidade, caracterizando-se pela crítica material e estrutural da realidade intrínseca à sociedade capitalista. Com efeito, Karl Marx considerou que “ser radical é agarrar a coisa pela raiz” (cf. MARX, Karl. *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 151).

³² Cf. GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro. In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996, p. 114.

³³ Paulo Freire, em entrevista próxima do fim de sua jornada, foi questionado sobre o que havia se mantido essencial e o que havia passado por transformações em relação a sua teoria e prática. Em resposta, Freire afirmou: “Tenho medo de, ao responder a essa pergunta, ficar, aparentemente, pouco humilde, porque se eu disser: ‘Olha, eu venho mais é me radicalizando’, parece que a gente fez tantas coisas mais ou menos boas, há 30 anos, que não achou que devesse mudá-las, apenas radicalizá-las, o que é uma forma de juntar algum tempero novo” (FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995a, p. 323). Desse modo, embora a exigência de constante reinvenção de sua teoria seja um primado sempre defendido por ele, a questão da radicalidade de seu ideário crítico perdura como um legado inescapável para o autor.

³⁴ MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; OLIVEIRA, Josiane Sousa Costa de; Luiz Jesus Santos, BONFIM. A atualidade da concepção de radicalidade em Paulo Freire nos primeiros escritos no exílio: delineamentos para práticas educativas na direção da emancipação humana. *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 46, n. ed. especial, set. 2021, p. 967.

Paulo Freire não se limitou ao exercício de contemplação do mundo. Antes, assumiu um compromisso de concretizar o pensamento por meio da prática. Na perspectiva apresentada, a radicalidade funciona como uma força que impulsiona a classe oprimida a investigar, interpretar e a modificar a realidade. Essa abordagem estabelece uma relação dialética, onde há uma constante interação entre teoria e prática, com o objetivo final de alcançar a superação da realidade opressora.

Logo, a pedagogia do(a) oprimido(a) consiste numa filosofia da práxis,³⁵ pois visa a interpretar e transformar de forma significativa a realidade na qual a classe oprimida encontra-se imersa, marcada pela exploração e expropriação. A abordagem crítica desenvolvida, então, por Paulo Freire, em estreita interlocução com os esfarrapados e esfarrapadas do mundo, reconhece a relação dialética³⁶ entre a ação concreta e o pensamento crítico como elementos centrais na luta pela emancipação humana.

A práxis manifesta-se, logo, como uma sinergia profunda entre o discurso e a ação transformadora, com o objetivo de alcançar a *Aufhebung*. A teoria revolucionária, enquanto forma de compreensão, exige transformação e torna-se inseparável da necessidade de agir. É nesse contexto que surge o conceito de “palavração”, neologismo proposto por Paulo Freire que denota a síntese entre teoria e prática, palavra e ação, constituindo-se, assim, em uma terminologia análoga à práxis – ação reflexiva transformadora.³⁷

Conforme Ricardo Rossato, a práxis defendida por Freire “opõe-se às ideias de *alienação* e *domesticação*, gerando um processo de atuação consciente que conduza a um discurso sobre a realidade para modificar esta mesma

³⁵ Sob a égide da filosofia da práxis, mencionamos aqui a perspectiva filosófica que, segundo Adolfo Sánchez Vázquez, “concebe a si mesma não só como interpretação do mundo, mas também como elemento do processo de sua transformação” (VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. 6. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 30). Ora, a filosofia da práxis é compreendida, assim, “[...] não como mera atividade da consciência – humana ou supra-humana –, mas, sim, como material do homem social [...]” (VÁZQUEZ, *op. cit.*, p. 31). Outro aspecto que se faz oportuno destacar é o postulado enunciado por Gramsci, no qual a filosofia da práxis se constitui como “[...] uma filosofia che è anche una politica e una politica che è anche una filosofia” (GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*. 18 vol. Edizione anastatica dei manoscritti. A cura di Gianni Francioni. Cagliari: L’Unione Sarda, 2009, aqui Q 16, §9, 1.860). Nesse sentido também, a pedagogia do(a) oprimido(a) assume a forma de uma filosofia da práxis, uma vez que direciona sua atenção de forma significativa à questão política, mais especificamente à luta de classes. Ela destaca, assim, a educação como um fenômeno político de extrema importância.

³⁶ A relação dialética aqui postulada se constitui, pois, enquanto “prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que essa relação é consciente” (VÁZQUEZ, *Filosofia da práxis*, p. 117).

³⁷ “É exatamente isso, a ‘práxis humana’, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo” (FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez Editora, 2016a, p. 56).

realidade”.³⁸ A práxis se propõe à instauração de um discurso/ação capaz de compreender e modificar a realidade. Para tal intento, ela se vale da teoria como um conjunto de concepções que auxilia na decifração de fenômenos e contextos históricos específicos. Essa compreensão resulta em uma nova forma de expressão, na qual o sujeito comunica suas ideias acerca do mundo e se engaja ativamente na transformação da realidade. É precisamente por intermédio da práxis que nosso autor vislumbra a possibilidade de superação do estado de opressão e alienação humana decorrentes da estratificação social em classes.

No horizonte do espírito marxiano, Freire reitera a concepção de que a realidade humana resulta da ação dos seres humanos.³⁹ Quando essa realidade se volta de modo hostil contra os humanos e os submete a condições opressoras, emerge, então, uma necessidade premente de transformá-la, pois, conforme também expressa Jean-Paul Sartre,⁴⁰ “[...] toda ordem coletiva estabelecida por seres humanos pode ser superada por outras ordens”. Assim, a incumbência de sobrepujar a opressão se torna inalienável e recai diretamente sobre a classe oprimida.⁴¹

Portanto, a natureza da práxis é postulada como intrinsecamente dialética, isto é, caracterizada como um processo em constante movimento e impulsionado por contradições cuja superação conduz a um nível cada vez maior de complexidade, no qual novas contradições impulsionam a busca por novas superações.⁴² Nessa trama, ação e reflexão são mutuamente constitutivas, engendrando um processo dinâmico de transformação da realidade, visando à superação do estado de alienação.

O conhecimento da realidade não é, portanto, suficiente em si mesmo; é imperativo intervir de forma ativa e comprometida. Em outros termos, é fundamental que o conhecimento da realidade esteja em perfeita sintonia com as ações exercidas no mundo. Senão, há apenas “[...] palavreria, verbalismo, blá-blá-blá. Por tudo isto, *alienada* e *alienante*. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação”.⁴³

Em tal conjuntura, Paulo Freire considera a perspectiva marxiana, na qual se postula que é precisamente na prática que o ser humano deve

³⁸ ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte, 2019, p. 380; grifo nosso.

³⁹ Cf. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 74.

⁴⁰ SARTRE, Jean-Paul. *Matérialisme et révolution*. In: *Situations III: lendemains de guerre*. Paris: Gallimard, 1949, p. 194 (tradução nossa).

⁴¹ Cf. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 63.

⁴² Cf. NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 31.

⁴³ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 134 (grifo nosso).

demonstrar a veracidade, isto é, a realidade, o poder e a caráter ceterior do pensamento.⁴⁴ Esta perspectiva enfatiza a transformação das ideias e concepções em manifestações práticas, de modo a lhes conferir uma efetiva repercussão na esfera concreta. A alusão marxiana à “natureza ceterior [*Diesseitigkeit*]”⁴⁵ do pensamento salienta a importância da conexão entre as abstrações mentais e a materialidade do mundo real, ressaltando, assim, o significativo papel dos contextos sociais, econômicos e políticos no processo de formação e validação do pensamento.

A práxis, no entanto, não se permite o confinamento na simples atividade material, destituída dos elementos que caracterizam a atividade teórica. De outro modo, na ação revolucionária, a teoria é condição *sine qua non*; ela se engaja, por exemplo, no processo educativo das consciências, na estruturação dos recursos materiais e na elaboração de planos de ação revolucionária.⁴⁶

Com efeito, não se pode prescindir da reflexão crítica da realidade: dos estudos cuidadosos da filosofia e das diversas ciências, da compreensão das estruturas socioeconômicas, isto é, das raízes históricas mais profundas das relações de opressão. Ora, “se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo”.⁴⁷

De acordo com Freire, “falsamente realistas seremos se acreditarmos que o ativismo, que não é ação verdadeira, é o caminho para a revolução”.⁴⁸ Nesse sentido, como que por camuflagem, o mero esforço teórico desprovido do engajamento efetivo com a realidade resulta em um idealismo inócuo. De maneira equivalente, entretanto, a prática destituída da lucidez teórica, denominada por Freire sob a alcunha de ativismo, sujeita-se ao risco iminente de sucumbir diante do ímpeto de um “revolucionarismo impaciente”.⁴⁹

A noção de práxis na pedagogia do(a) oprimido(a) manifesta, portanto, a necessidade de uma teoria da ação transformadora. Nesse sentido, Paulo Freire⁵⁰ evoca uma expressão clássica de Lênin de que “sem teoria

⁴⁴ Cf. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 533.

⁴⁵ *In loc. cit.*

⁴⁶ Cf. GIMENES, Camila Itikawa. A teoria e a prática na formação inicial de professores: algumas definições, in *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 11, n. 1, abr. 2019, p. 269.

⁴⁷ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 134.

⁴⁸ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 204.

⁴⁹ FREIRE, *Ação cultural para a liberdade e Outros escritos*, p. 190.

⁵⁰ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 196.

revolucionária não pode haver movimento revolucionário”.⁵¹ Tal assertiva implica a imprescindibilidade de um alicerce teórico sólido e consistente, capaz de nortear e embasar as ações transformadoras, a fim de efetivar uma revolução de magnitude e significância. Desse modo, ao apreender as contradições e os determinantes histórico-sociais, o pensamento adquire uma postura crítica, transcende as aparências fenomênicas e busca compreender as complexidades da realidade.

Isso posto, a dualidade teoria e prática transcende uma mera distinção superficial, revelando-se, simultaneamente, essencial e aparente. Embora a diferenciação entre esses dois elementos desempenhe um papel necessário ao discernir fenômenos distintos e obter *insights* sobre a realidade social, teoria e prática não são entidades absolutamente isoladas.⁵² Por conseguinte, essas abordagens se entrelaçam em uma relação dialógica, caracterizada pela influência recíproca entre teoria e prática. A teoria enriquece a prática ao oferecer conceitos e diretrizes que orientam as ações, enquanto a prática, por sua vez, alimenta a teoria ao fornecer experiências e descobertas empíricas. Nesse processo dinâmico, não há uma supremacia de uma sobre a outra ou uma distinção temporal entre elas. Ao contrário, ambas desempenham, concomitantemente, papéis complementares e essenciais na práxis.⁵³

A pedagogia do(a) oprimido(a) intenciona problematizar as contradições fundamentais, a própria realidade existencial e concreta do povo.⁵⁴ Essa realidade, configurada como um desafio imperativo, demanda uma resposta efetiva. Dessa maneira, por meio de uma reflexão crítica sobre a experiência vivida pelo povo, a filosofia da práxis freiriana almeja instigar uma resposta que abarque tanto a dimensão intelectual quanto a atitudinal, visando à transformação das contradições sociais que subjugam a classe oprimida.

A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem. Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática. Por outro lado, se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto

⁵¹ LENIN, Vladimir Ilyich. What is to Be Done? In: *Essential Works of Lenin*. Nova York: Bantam Matrix Editions, 1966, p. 69 (tradução nossa).

⁵² Cf. GIMENES, A teoria e a prática na formação inicial de professores, p. 268.

⁵³ “É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente” (FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 201).

⁵⁴ O conceito de “povo”, tal como empregado nesta análise, assemelha-se à designação de “oprimidos(as)”, denotando aqueles indivíduos que se encontram subjugados pela estrutura socioeconômica do sistema capitalista.

da reflexão crítica. Neste sentido, é que a práxis constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução, que inaugura o momento histórico desta razão, não possa encontrar viabilidade fora dos níveis da consciência oprimida. A não ser assim, a ação é puro ativismo. Desta forma, nem um dileitante jogo de palavras vazias – quebra-cabeça intelectual – que, por não ser reflexão verdadeira, não conduz à ação, nem ação pela ação. Mas ambas, ação e reflexão, como unidade que não deve ser dicotomizada.⁵⁵

Sob o prisma da resistência histórica, quaisquer dicotomias que favoreçam a primazia da ação em relação à teoria, ou vice-versa, manifestam-se como formas inautênticas de existência. Conforme asseverado por Paulo Freire,⁵⁶ tais manifestações geram, ademais, formas inautênticas de pensamento que reforçam a estrutura opressora da qual emergem.

Em síntese, na pedagogia da(o) oprimida(o), teoria e prática se entrelaçam em uma relação simbiótica, onde a teoria fornece as diretrizes e o arcabouço intelectual necessários, e a prática concreta materializa e dá vida às ideias revolucionárias. Ademais, é de suma importância que as teorias estejam profundamente enraizadas na realidade intramundana, evitando abstrações excessivas e ilusões fantasiosas, e adotando uma abordagem que reconheça a materialidade da vida em toda a sua complexidade. Somente por meio dessa interação dialética entre teoria e prática é possível pôr em curso uma revolução radical, isto é, de natureza profunda e impactante, que transcenda as superficialidades e promova uma verdadeira mudança estrutural na sociedade.⁵⁷

A radicalidade, então, subjacente à filosofia da práxis, se delineia aí como antagônica às perspectivas sectárias, reacionárias, que procuram manter intocada a ordem vigente. Com efeito, nosso autor descreve a contraposição inerente entre elas nos seguintes termos:

[...] a sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora. Libertadora porque, implicando no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva. A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada.⁵⁸

⁵⁵ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 96.

⁵⁶ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 134.

⁵⁷ “O aspecto revolucionário da práxis não reside na sua relevância como uma teoria da ação, mas na quebra da dicotomia do pensamento e ação, exigindo que esses ocorram simultaneamente e dialeticamente, a fim de proporcionar uma leitura da realidade e suas contradições que vise à criação de alternativas libertadoras” (FERNANDES, *Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão e revolução*, p. 482 – 483).

⁵⁸ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 56.

A existência humana é caracterizada por um movimento e tensão primordiais, conferindo-lhe uma natureza inescapável. Logo, Paulo Freire não hesita em denunciar as perspectivas sectárias, notoriamente reacionárias, que se conformam docilmente às estruturas sociais estabelecidas, perpetuando incansavelmente o *status quo*. O(a) sectário(a), envolto em sua visão distorcida da história, anseia por domesticar o presente, na vã esperança de que o futuro se limite a mera repetição dessa realidade domesticada. Em contrapartida, as práticas radicais compreendem a história como um processo perene e em constante transformação, entrelaçado no tecido cotidiano da existência social. O(a) radical não se empenha em capturar ilusoriamente a realidade de forma estática e fragmentada, mas sim em problematizar o devir histórico, com o intuito de superar coletivamente as relações sociais desumanizadoras.⁵⁹

Todavia, o equívoco sectário pode manifestar-se também nas ações da esquerda. Paulo Freire nos adverte para a incidência do sectarismo no ativismo, o qual nega a participação ativa da classe oprimida na práxis revolucionária. Nesse cenário, observamos a emergência do fanatismo, que repudia o diálogo com as classes populares, privando-as da participação ativa no processo construtivo da história e relegando-as a um papel subordinado, limitado à mera execução de tarefas impostas por uma liderança autoproclamada como detentora do caráter revolucionário:

O sectário seja de direita ou de esquerda, se põe diante da história como o seu único fazedor. Como seu proprietário. Diferem porque, enquanto um pretende detê-la, o outro antecipá-la. Se a história é obra sua, se lhe pertence, pode um detê-la quando quiser, o outro antecipá-la, se lhe aprouver. Daí se identificarem na imposição de suas convicções. Na redução do povo à massa. O povo não conta nem pesa para o sectário, a não ser como suporte para seus fins. Deve comparecer ao processo ativistamente. Será um comandado pela propaganda intoxicadora de que não se adverte. Não pensa. Pensam por ele e é na condição de protegido, de menor de idade, que é visto pelo sectário, que jamais fará uma revolução verdadeiramente libertadora, precisamente porque também não é livre.⁶⁰

Nosso autor, dessa maneira, repudia uma estrutura política que estabelece líderes como indivíduos críticos e sujeitos ativos da práxis revolucionária, enquanto as classes oprimidas são reduzidas à condição de executoras passivas, ativistas subalternas sujeitas às determinações das lideranças.⁶¹ Dessa

⁵⁹ “Para o radical, que não pode ser um centrista ou um direitista, não se detém nem se antecipa a História, sem que se corra o risco de uma punição. Não é mero espectador do processo, mas cada vez mais sujeito, na medida em que, crítico, capta suas contradições. Não é também seu proprietário. Reconhece, porém, que, se não pode deter nem antecipar, pode e deve, como sujeito, com outros sujeitos, ajudar e acelerar as transformações, na medida em que conhece para poder interferir” (FREIRE, *Educação como prática da liberdade*, p. 71-72).

⁶⁰ FREIRE, *Educação como prática da liberdade*, p. 71.

⁶¹ Cf. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 196.

forma, Paulo Freire enfatiza que, “na medida em que a liderança nega a práxis verdadeira aos oprimidos, se esvazia, consequentemente, na sua”.⁶²

Com efeito, a pedagogia do(a) oprimido(a) se erige como compromisso inalienável de transformação radical da realidade, por intermédio de uma práxis dialógica que se realiza a partir da própria classe oprimida. Nesse sentido, Paulo Freire postula que:

Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. Se a sectarização, como afirmamos, é o próprio do reacionário, a radicalização é o próprio do revolucionário. Daí que a pedagogia do oprimido, que implica numa tarefa radical, cujas linhas introdutórias pretendemos apresentar neste ensaio e a própria leitura deste texto não possam ser realizadas por sectários.⁶³

O excerto em apreço destaca, pois, a primazia da radicalidade como atributo do pensamento revolucionário e sua preeminência na pedagogia do(a) oprimido(a), ao confrontar e opor-se à sectarização. Indubitavelmente, a filosofia da práxis proposta por Freire se constitui, assim, numa perspectiva de compromisso real com as questões existenciais, históricas, econômicas e sociais da classe oprimida, pois, conforme nosso autor, “ser revolucionário significa estar contra a opressão, contra a exploração, em favor da libertação das classes oprimidas, em termos concretos e não em termos idealistas”.⁶⁴

3. A opção crítico-revolucionária

Não obstante sua opção política, Paulo Freire não se mostrou condescendente em suas críticas às experiências socialistas do século XX, especialmente no que ele denominou de “ditadura de esquerda”.⁶⁵ Todavia, é válido ressaltar que, em certas ocasiões, sua leitura crítica foi conceitualmente insuficiente e baseada em abstrações vagas:

Para mim, pelo contrário, o que não prestava na experiência do chamado “socialismo realista”, em termos preponderantes, não era o sonho socialista, mas a moldura autoritária – que o contradizia e de que Marx e Lenin

⁶² FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 197.

⁶³ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 59.

⁶⁴ FREIRE, *Ação cultural para a liberdade e Outros escritos*, p. 186.

⁶⁵ FREIRE, *Pedagogia da autonomia*, p. 100.

também tinham sua culpa, e não apenas Stalin, assim como o positivo na experiência capitalista não era e não é o sistema capitalista, mas a moldura democrática em que ele se acha.⁶⁶

Observa-se aqui um exemplo de crítica pouco elucidativa e sem o devido desenvolvimento, carente, assim, de precisão conceitual, sobretudo no que se refere a termos historicamente complexos e controversos, como “democracia” e “autoritarismo”, o que pode sugerir uma suposta ingenuidade do autor em relação ao assunto e, portanto, tornar a crítica pouco convincente.

Contudo, no corpus textual freiriano encontram-se também análises mais elaboradas e substanciais acerca desses conceitos, o que, de fato, instiga uma reflexão mais aprofundada. Com efeito, é pertinente considerar a significativa contribuição de Paulo Freire ao debate crítico e reflexivo acerca das complexas dinâmicas políticas e sociais subjacentes a conceitos como autoritarismo e democracia, considerando sua obra como um todo e não somente por passagens pouco elucidativas e, por vezes, caricaturais de suas críticas às experiências socialistas do século XX.

O aspecto mais objetivo, e, quiçá, capital de suas críticas, está relacionado aos efeitos deletérios de quando a revolução “estagnando-se, volta-se contra o povo, usando o mesmo aparato burocrático repressivo do Estado, que devia ter sido radicalmente suprimido, como tantas vezes salientou Marx”.⁶⁷ Nesse sentido, afirma Freire: “no momento, porém, em que o novo poder se enrijece em ‘burocracia’ dominadora, se perde a dimensão humanista da luta e já não se pode falar em libertação”.⁶⁸

Paulo Freire adotou, portanto, uma postura severamente crítica em relação a uma determinada experiência histórica do socialismo, mais precisamente o Bloco Soviético, que ele identificou genericamente como totalitário. Todavia, suas críticas, conquanto vagas, jamais negaram o próprio ideal socialista de superação do sistema capitalista.

Freire procurou, a seu modo, destacar a complexidade das questões políticas, econômicas e sociais inerentes ao processo de transformação social, exigindo um equilíbrio entre a idealização utópica e o risco de imposição autoritária:

Nesse sentido também o esfacelamento do mundo socialista autoritário – que, em muitos aspectos, vem sendo uma espécie de ode à liberdade e vem deixando tantas mentes, antes bem comportadas [*sic*], estupefatas, atônitas, desconcertadas, perdidas – oferece-nos a possibilidade extraordinária, se bem que difícil, de continuar sonhando e lutando pelo sonho

⁶⁶ FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 133.

⁶⁷ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 84.

⁶⁸ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 83.

socialista, depurando-se de suas distorções autoritárias, de seus desgostos totalitários, de sua cegueira sectária. Por isso é que, para mim, vai se tornar, em algum tempo, até mais fácil, a luta democrática contra a malvadez do capitalismo. O que se faz necessário é que, entre muitas coisas, se supere a certeza demasiada nas certezas com que muitos marxistas se afirmavam modernos e, assumindo a humildade em face das classes populares, nos tornemos pós-modernamente menos certos das certezas. Progressistamente pós-modernos.⁶⁹

Observa-se que, à crítica direcionada a uma dada experiência socialista, segue-se a afirmação do ideal socialista revolucionário, que visa à superação das consequências nefastas do sistema capitalista. Com efeito, sua opção política, indubitavelmente, converge para uma perspectiva socialista revolucionária. O autor reiterou, pois, continuamente, seu compromisso político de luta “contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura”,⁷⁰ o que evidencia sua adesão a uma crítica radical do sistema econômico imperante e sua defesa de uma transformação social profunda.

Na obra-magna, *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire manifestou, logo em suas primeiras palavras, uma postura marcada pela radicalidade socialista, de inegável influência marxiana,⁷¹ porém com nuances particulares e oriundas daquilo que ele próprio definiu, em escritos posteriores, como uma “pós-modernidade progressista ou radical”.⁷² É necessário, então, realizar uma primeira aproximação à significação dessa expressão.

Conforme observa Jason Mafra,⁷³ em tese doutoral, a produção intelectual de Freire não repousa sobre as categorias inerentes à pós-modernidade, mas, em vez disso, encontra seus alicerces nos princípios e conceitos da modernidade. De forma alguma Paulo Freire abdicou de certos preceitos essenciais derivados da tradição crítica moderna, como a luta de classes, a perspectiva histórica como força transformadora e a utopia como ideal. Ao invés disso, ele os reiterou de maneira veemente, empregando, quando necessário, instrumentos analíticos advindos de um panorama pós-moderno.

⁶⁹ FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 133-134.

⁷⁰ FREIRE, *Pedagogia da autonomia*, p. 100.

⁷¹ Esse aspecto se revela como um divisor de águas no que se refere à perspectiva político-filosófica de sua tese doutoral intitulada *Educação e realidade brasileira*, a qual foi adaptada e publicada no livro *Educação como prática da liberdade*, em contraste com sua obra subsequente, *Pedagogia do oprimido*. Esta última é amplamente reconhecida como uma expressão filosófica mais refinada, radical e amadurecida, representando um avanço significativo na reflexão e na abordagem das questões sociais e educacionais.

⁷² Na *Pedagogia da esperança*, Freire postula uma “[...] defesa da tolerância, que não se confunde com a convivência, da radicalidade; uma crítica ao sectarismo, uma compreensão da pós-modernidade progressista e uma recusa à conservadora, neoliberal” (FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 17).

⁷³ MAFRA, Jason Ferreira. *A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2007, p. 84.

Portanto, apesar de também explorar certos temas relacionados ao pós-modernismo, o ideário crítico do nosso autor acolhe na pauta características distintivas que nem sempre expressam plenamente o espírito do que comumente se denomina de pós-modernidade. Sob a égide da expressão pós-modernidade progressista,⁷⁴ o patrono da educação brasileira manifesta uma franca rejeição a todos os modelos de determinismo histórico, bem como à rigidez doutrinária presente em algumas interpretações marxistas e às certezas perenes emanadas delas. No entanto, o traço mais proeminente e significativo dessa perspectiva reside no papel hegemônico atribuído por ele à subjetividade humana no processo histórico de luta de classes.⁷⁵

Nesse contexto, Paulo Freire elabora uma teoria fortemente influenciada por um compromisso com a crítica radical ao sistema capitalista e pelos elementos progressistas de questionamento ao dogmatismo de viés marxista. Em outros termos, sua abordagem é caracterizada por uma crítica às estruturas econômicas e sociais dominantes, visando à superação também de certos limites impostos por um marxismo mais ortodoxo.⁷⁶ Desse modo, ele desenvolve uma visão crítica radical que, embora reconheça sua dívida intelectual com Marx, não se deixa aprisionar por uma exigência dogmática, manifestando um dinamismo e uma constante vontade de reformulação:

Quanto aos outros, os que põem em prática a minha prática, que se esforcem para recriá-la, repensando também meu pensamento. E ao fazê-lo, que tenham em mente que nenhuma prática educativa se dá no ar, mas num contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político, não necessariamente idêntico a outro contexto.⁷⁷

No entanto, em virtude de suas críticas, é comum observar objeções simplistas direcionadas à pedagogia do(a) oprimido(a), as quais a acusam de

⁷⁴ Faz-se imperativo explicitar que a expressão “pós-modernidade progressista” não representa uma precisa valência terminológica dentro de um sistema filosófico. Nosso autor alude aqui à imprescindível predisposição para um diálogo aberto e crítico com os desafios propostos hodiernamente, de modo a evitar qualquer vestígio de dogmatismo socialista.

⁷⁵ Conforme Paulo Freire, a perspectiva pós-moderna progressista, “[...] rompendo as amarras do sectarismo, se faz radical. É impossível, hoje, para o pensamento pós-moderno radical, fechar-se em seus próprios muros e decretar a sua como a única verdade. Sem ser antirreligioso, mas, de maneira nenhuma, dogmático, o pensamento pós-moderno radical reage contra toda certeza demasiado certa das certezas. Reage contra a ‘domesticação’ do tempo, que transforma o futuro num pré-dado, que já se conhece o futuro afinal como algo inexorável, como algo que será porque será, porque necessariamente ocorrerá. Ao recusar a ‘domesticação’ do tempo, a pós-modernidade progressista não apenas reconhece a importância do papel da subjetividade na história, mas atua político-pedagogicamente no sentido de fortalecer aquela importância” (FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023, p. 22-23).

⁷⁶ “Sem pretender, sequer de longe, me assemelhar a Marx, não porque agora, de vez em quando, se diga que ele ‘já era’, mas pelo contrário, precisamente porque, para mim, continua sendo, precisando apenas de ser revisto, me vejo inclinado a citar uma de suas cartas, a em que, irritado com inconsequentes ‘marxistas’ franceses, disse: ‘A única coisa que sei é que não sou marxista’” (FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 122-123).

⁷⁷ FREIRE, *Ação cultural para a liberdade e Outros escritos*, p. 22.

adotar uma postura genérica de reformismo político, social e econômico, sem um engajamento contundente para efetuar uma transformação radical do *status quo*. Tais críticas se encontram frequentemente em abordagens panfletárias de movimentos marxistas de viés dogmático.⁷⁸

A análise social de Paulo Freire propôs, com perspicácia, críticas mordazes em relação às soluções restritas a uma abordagem reformista das contradições sociais e das relações inerentes ao sistema do capitalismo. Em sua essência, a perspectiva freiriana procura fundamentalmente ultrapassar as aparências superficiais e considerar as raízes profundas da opressão, visando à suplantação das estruturas de poder que perpetuam a desigualdade e a exploração como elementos inerentes à ordem social vigente — daí sua inegável radicalidade:

A contradição principal das sociedades duais é, realmente, esta – a das relações de dependência que se estabelecem entre elas e a sociedade metropolitana. Enquanto não superam esta contradição, não são “seres para si” e, não o sendo, não se desenvolvem. Superada a contradição, o que antes era mera transformação “assistencializadora” em benefício, sobretudo, da matriz, se torna desenvolvimento verdadeiro, em benefício do “ser para si”. Por tudo isto é que as soluções puramente reformistas que estas sociedades tentam, algumas delas chegando a assustar e até mesmo a apavorar a faixas mais reacionárias de suas elites, não chegam a resolver suas contradições. Quase sempre, senão sempre, estas soluções reformistas são induzidas pela própria metrópole, como uma resposta nova que o processo histórico lhe impõe, no sentido de manter sua hegemonia. É como se a metrópole dissesse e não precisa dizer: “façamos as reformas, antes que as sociedades dependentes façam a revolução.”⁷⁹

Além disso, a defesa de uma perspectiva reformista, que possa superar as relações de opressão, implicaria a possibilidade de uma concórdia ou reconciliação entre as distintas classes sociais, o que foi efetivamente objeto de questionamento por parte de Paulo Freire. Alegadamente, a harmonia aparente entre as diferentes classes apenas dissimula as discrepâncias elementares que as distinguem, assim como a subjugação e o domínio exercidos por opressores(as) sobre oprimidos(as). Freire ressaltou, portanto, a relevância de compreender as tensões e os conflitos existentes na sociedade capitalista, em vez de buscar uma unidade fictícia que apenas perpetuaria as estruturas de poder preexistentes. Portanto, em vez de fomentar uma reconciliação superficial, nosso autor defendeu uma transformação radical das relações sociais, políticas e econômicas, a fim de superar a opressão

⁷⁸ Uma mostra dessa se encontra num texto panfletário, disponível no sítio eletrônico “<http://marxismo.org.br>”, no qual se declara enfaticamente que “Paulo Freire era um reformista em toda a sua obra e em sua prática demonstrava isso” (CAMARGO, Maritania. *Paulo Freire, um comunista?* [online]. Publicado em 05 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/paulo-freire-um-comunista/>>. Acesso: 18 abr. 2023).

⁷⁹ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 249.

e a desigualdade que permeiam as sociedades hodiernas. Em sua análise crítico-social, Paulo Freire afirma categoricamente:

Não podendo negar, mesmo que o tentem, a existência das classes sociais, em relação dialética umas com as outras, em seus conflitos, falam na necessidade de compreensão, de harmonia, entre os que compram e os que são obrigados a vender o seu trabalho. Harmonia, no fundo, impossível pelo antagonismo indissolúvel que há entre uma classe e outra. [...] A harmonia viável e constatada só pode ser a dos opressores entre si. Estes, mesmo divergentes e, até em certas ocasiões, em luta por interesses de grupos, se unificam, imediatamente, ante uma ameaça à classe. Da mesma maneira, harmonia do outro pólo só é possível entre seus membros na busca de sua libertação. Só em casos excepcionais, não só é possível, mas até necessária, a harmonia de ambos para, passada a emergência que os uniu, voltarem à contradição que os delimita e que jamais desapareceu na emergência desta união.⁸⁰

Não obstante, Paulo Freire reconhece que a historicidade é inevitavelmente uma dimensão constitutiva e determinante da luta de classes. Com efeito, a luta de classes, enquanto categoria histórica, se sujeita a vicissitudes e adaptações ao longo do tempo e do espaço. Em determinadas circunstâncias históricas, portanto, podem ser necessários ajustes e convenções, mas isso não anula a utopia socialista, nem significa a instauração de “um novo tempo histórico destituído de classes sociais e de seus conflitos. Um novo tempo histórico, sim, mas no qual as classes sociais continuam existindo e lutando por seus próprios interesses”.⁸¹

Ademais, de acordo com Freire, o neoliberalismo não detém as prerrogativas necessárias para erradicar as classes sociais e suprimir os conflitos e interesses antagonísticos que delas decorrem. Desse modo, a tese de que uma reconciliação de classes possa ser alcançada sob a égide do neoliberalismo não passaria de uma fantasia romanesca. Na perspectiva freiriana, nem sequer a dissolução do Bloco Soviético conduziu à extinção das classes sociais e, por conseguinte, dos embates inerentes a elas; tampouco significou que o socialismo tenha sucumbido junto aos escombros do muro de Berlim.⁸²

Em *Pedagogia da esperança*, Paulo Freire analisou ainda algumas objeções desafiadoras, suscitadas nos anos que se seguiram à publicação de *Pedagogia do oprimido*. Em especial, destaca-se a polêmica, de forte interesse para o nosso tema, a saber, a resistência do autor em reconhecer a luta de classes como o motor da história, o que tem provocado um escrutínio implacável por parte dos críticos marxistas mais puristas.

Nunca entendi que as classes sociais, a luta entre elas, pudessem explicar tudo, até a cor das nuvens numa terça-feira à tardinha, daí que jamais

⁸⁰ FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, p. 222.

⁸¹ FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 129.

⁸² Cf. FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 129.

tenha dito que a luta de classes, no mundo moderno, era ou é o motor da história. Mas, por outro lado, hoje ainda e possivelmente por muito tempo, não é possível entender a história sem as classes sociais, sem seus interesses em choque. A luta de classes não é o motor da história, mas certamente é um deles.⁸³

Efetivamente, na obra de Paulo Freire, a perspectiva da luta de classes desempenha um papel crucial, constituindo-se como um elemento-chave para a compreensão das dinâmicas sociais que permeiam a história. Ao enfatizar as contradições e os conflitos inerentes às relações de poder existentes na sociedade, Freire abre espaço para uma análise mais profunda e crítica das estruturas de dominação que moldam a vida dos indivíduos e das coletividades.

Não obstante, é imprescindível reconhecer que, para nosso autor, a existência humana se distingue por uma complexidade que transcende essa abordagem, abrangendo uma variedade de especificidades e dimensões, as quais requerem uma análise igualmente multifacetada, singular e sensível. Considerando isso, Freire aborda a questão do fator condutor motriz de forma pluralista, reconhecendo, por conseguinte, a existência de diversos elementos e agentes que, em conjunto, influenciam a complexidade da experiência humana.

Todavia, o argumento freiriano evoca também uma tese intrigante de Amílcar Cabral, que visibiliza, por exemplo, outra dimensão motora fundamental na história. De acordo com este teórico revolucionário de Guiné-Bissau, seria um equívoco afirmar que a história tem seu início apenas com o surgimento das classes sociais e, conseqüentemente, da luta de classes, uma vez que isso desconsideraria todo um período de existência dos agrupamentos humanos na África, América Latina e Ásia anterior à divisão de classes e, à vista disso, antes do domínio imperialista e colonial. Amílcar Cabral argumentou, então, que o modo de produção, o nível das forças produtivas e o regime de propriedade são fatores históricos predominantes para cada agrupamento humano, e que a luta de classes se mostra como força propulsora da história apenas durante um certo período. Antes e depois dessa fase, algum fator ou, talvez, mais de um, impulsionou e continuará a impulsionar a história. Dessa feita, para Cabral, o nível das forças produtivas representa uma permanente força motriz da história, constituindo fator decisivo para o conteúdo e a forma da luta de classes.⁸⁴

A esse respeito, comenta Paulo Freire:

Amílcar foi, para mim, um muito bom marxista, que fez uma leitura africana de Marx, não uma leitura alemã de Marx, nem uma leitura no século passado [XIX]. Ele fez uma leitura deste século [XX] na África. Não é por

⁸³ FREIRE, *Pedagogia da esperança*, p. 125.

⁸⁴ Cf. CABRAL, Amílcar. A arma da teoria. In: COMITINI, Carlos (org.): *Amílcar Cabral: a arma da teoria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980, p. 27-28.

outra coisa que no sério discurso que ele fez em Havana ele rejeita a aceitar a afirmação de que a luta de classes é o motor da história. [...] Eu tenho a impressão também de que, do ponto de vista marxista, quando se fala na luta de classe, possivelmente não é apenas tomando classe no sentido mais técnico, mais exato. Antes mesmo do surgimento histórico das classes sociais, havia conflitos, já havia lutas de interesses contraditórios, de dominante e dominados. Mas Cabral colocou isso com muita independência em Havana, e ele diz que uma das razões para recusar a luta de classe como motor da história é que ele não poderia aceitar que a África não tivesse história, antes. E depois ele coloca duas questões epistemológicas. Uma é essa: O que é que houve antes da luta, da resistência das classes, e o que é que vai haver depois? Será que se acaba a história? Já esta segunda pergunta me parece mais séria: Será que com a revolução socialista no mundo, com a supressão das classes antagônicas etc., se acaba a história também? A revolução socialista seria o anúncio do fim?.⁸⁵

Com efeito, envolta por uma ironia cáustica, a resposta freiriana à indagação hipotética acima se põe nos seguintes termos: “se é, eu prefiro até que não tenha. Eu gosto muito é da história mesmo”.⁸⁶

Considerações finais

Enfatizamos neste artigo que o quadro teórico em que se desenvolve a pedagogia do(a) oprimido(a) é o da constituição de um ideário crítico marcado pela radicalidade. Noutros termos, a pedagogia freiriana realiza-se como uma filosofia da práxis, cujo propósito reside na interpretação e transformação significativa da realidade histórico-social e econômica, profundamente marcada pela alienação, desumanização e dominação. Com efeito, a filosofia da práxis irrompe como a chave hermenêutica para a interpretação freiriana do problema filosófico da alienação. A abordagem

⁸⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018a, p. 141. Cumpre-nos ressaltar que a concepção do término da história, em virtude do apogeu e da consolidação hegemônica de um espectro político específico, encontra defensores também entre os adeptos do pensamento liberal, conforme evidenciado na célebre tese de Francis Fukuyama (1992). Desenvolvida sob essa perspectiva, a tese do fim da história sustenta que o liberalismo emergiu como força dominante após a queda do muro de Berlim e o declínio do bloco socialista na década de 1980. Fukuyama proclamou que a democracia liberal e o livre mercado assumiriam o estatuto de formas governamentais e econômicas definitivas para a humanidade. Segundo ele, todas as teorias e sistemas políticos se exauriram com o colapso das experiências socialistas e a democracia liberal asseguraria a salvaguarda dos direitos individuais, a participação política e o livre funcionamento do mercado. Nessa perspectiva, as disputas ideológicas encontraram seu desfecho com o pensamento liberal revelando-se como a forma mais eficiente e justa de governo, enquanto o livre mercado se afigura como o sistema econômico mais sublime (FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992).

⁸⁶ FREIRE, *Pedagogia da tolerância*, p. 141.

crítica desenvolvida por Paulo Freire, em estreita comunhão com a classe oprimida, pressupõe a relação dialética entre a ação efetiva e o pensamento crítico como exigência imprescindível na luta pela emancipação humana, isto é, pela superação do estado de alienação.

No entanto, convém reconhecer que o modo como a filosofia da práxis freiriana realizou incursões na exploração da questão da alienação, todavia, ora se aproximam da filosofia materialista marxiana, ora dela se afastam significativamente. Nesse sentido, as intrincadas relações entre as perspectivas filosóficas de Marx e Freire compõem uma complexa questão que não poderia ser resolvida no escopo deste artigo.

Porém, por analogia, consideramos que colocar em questão, por exemplo, se Paulo Freire era um marxista, guarda certa semelhança com a indagação sobre se Karl Marx era um hegeliano. Ora, não se trata apenas de se determinar uma filiação direta⁸⁷ de Freire a Marx ou de Marx a Hegel, porém de reconhecer que Hegel representava o “espírito do tempo” para Marx, assim como Karl Marx o foi para Paulo Freire. É precisamente essa perspectiva que nos suscita interesse aqui. Acrescenta-se, outrossim, que é pontualmente nesse sentido que Freire compartilhou a concepção de Sartre de que “[...] o marxismo é a filosofia insuperável de nosso tempo [...]”.⁸⁸

Ademais, ressalta-se que, apesar do destaque de Paulo Freire como um autor original cuja contribuição para a luta de classes se reconhece amplamente,⁸⁹ seria um equívoco de proporções notáveis subestimar a significativa herança intelectual que nosso autor incorpora, advinda de Karl Marx⁹⁰ e de seus(suas) abalizados(as) intérpretes, especialmente no que se

⁸⁷ “Nem consideramos pertinente, da mesma forma, identificar Freire como um autor orgânico de alguma das expressões marxistas. Parece-nos que uma das características mais humanas em Freire é justamente a sua posição ingovernável no mundo, do ponto de vista de uma adesão a filiações absolutas. Era um ‘espírito livre’, talvez, no bom sentido da tradição filosófica, a que se pretende crítica e aberta de forma concomitante, para refazer posições ao longo das análises sobre a realidade concreta” (POLLI, José Renato. Humanismo marxista em Edward Thompson e Paulo Freire: a educação vista de baixo, in *Filosofia e educação*, Campinas, v.14, n.1, 2022, p. 124).

⁸⁸ SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique*. Paris: Éditions Gallimard, 1960, p. 9 (tradução nossa).

⁸⁹ “[...] é irrecusável o reconhecimento de sua coerência na luta pela educação dos deserdados e oprimidos que no início do século XXI, no contexto da ‘globalização neoliberal’, compõem a massa crescente dos excluídos. Por isso seu nome permanecerá como referência de uma pedagogia progressista e de esquerda” (SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2019, p. 336).

⁹⁰ Num colóquio com Sergio Guimarães, registrado nas páginas da obra intitulada *Lições de casa*, Paulo Freire afirmou: “eu não tenho dúvida nenhuma de que, em todos os meus mais recentes trabalhos, há indiscutivelmente uma presença marxista. [...] O que eu temo é querer dar a impressão de que eu sou um marxista, no sentido de um indiscutível conhecedor de Marx. É esta a minha humildade. Mas tanto quanto posso, eu tenho que fazer uma interpretação, uma análise marxista do contexto para poder compreender a educação [...]. Quer dizer: eu não me ponho diante de Marx como se estivesse diante de um deus! [...] São marxistas que

refere ao complexo problema filosófico da desumanização e da alienação humana decorrentes da lógica capitalista.

Referências

BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. 23. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2016, p. 9-12.

BRAGA, F.; MELLO, R. R.; BACHEGA, D. A unidade na diversidade em Paulo Freire: avanços para a transformação educacional, in *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 16, p. 1-21, 2021.

CABRAL, Amílcar. A arma da teoria. In: COMITINI, Carlos (org.): *Amílcar Cabral: a arma da teoria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980, p. 21-52.

CAMARGO, Maritania. *Paulo Freire, um comunista?* [online]. Publicado em 05 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/paulo-freire-um-comunista/>>. Acesso: 18 abr. 2023.

ELLSWORTH, Elizabeth. Why Doesn't This Feel Empowering? Working through the Repressive Myths of Critical Pedagogy, in *Harvard Educational Review*, Cambridge, MA, vol. 59, nr. 3, p. 297-324, 1989.

FERNANDES, Sabrina. Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão e revolução, in *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 37, nº. 135, p. 481-496, abr.-jun., 2016.

FREIRE, Ana Maria Araujo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017a.

_____. (org.). *Pedagogia da libertação em Paulo Freire*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017b.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

_____. *Pedagogia da tolerância*. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

_____. *Conscientização*. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez Editora, 2016a.

transformam Marx naquilo em que Marx jamais poderia ser transformado: em pílulas, para ser engolido. Há certos marxistas que fazem o impossível: enjaulam o pensamento de Marx, que foi profundamente dinâmico, dialético, inquieto e, por isso mesmo, não poderia estar metido dentro de uma gaiola" (FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Lições de casa: últimos diálogos sobre educação*. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015, p. 26-27). Ademais, Freire ainda acrescenta: "acho que não há como escapar de uma análise marxista para a compreensão do fenômeno educativo. [...] Daí, com Marx, eu acreditar [sic] realmente na práxis como fonte de conhecimento. Porque isso não aprendi de Marx mesmo, não; Marx não aprendeu dele próprio. Aprendeu foi da realidade. Então, na medida em que você se submete a uma prática assim, você constata o que Marx constatou" (FREIRE, GUIMARÃES, *Lições de casa*, p. 27-28).

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 23. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016b.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016c.

_____. *Ação cultural para a liberdade e Outros escritos*. 15. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2015a.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 51. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015b.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

_____. *A educação na cidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995a.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Lições de casa: últimos diálogos sobre educação*. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da História e o último homem*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro. In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 69-116.

GIMENES, Camila Itikawa. A teoria e a prática na formação inicial de professores: algumas definições, in *Germinal: marxismo e educação em debate*, Salvador, v. 11, n. 1, p. 267-276, abr. 2019.

GLASS, Ronald David. Revisitando os fundamentos da educação para a libertação: o legado de Paulo Freire, in *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 831-851, jul.-set. 2013.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. 18 vol. Edizione anastatica dei manoscritti. A cura di Gianni Francioni. Cagliari: L'Unione Sarda, 2009.

LENIN, Vladimir Ilyich. What is to Be Done? In: *Essential Works of Lenin*. Nova York: Bantam Matrix Editions, 1966.

LESSA, Sérgio. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez. 2007.

LEWIS, Holly. *The Politics of Everybody: Feminism, Queer Theory, and Marxism at the Intersection*. London: Zed Books, 2016.

MAFRA, Jason Ferreira. *A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2007.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar; OLIVEIRA, Josiane Sousa Costa de; Luiz Jesus Santos, BONFIM. A atualidade da concepção de radicalidade em Paulo Freire nos primeiros escritos no exílio: delineamentos para práticas educativas na direção da emancipação humana, in *Revista Inter-Ação*, Goiânia, v. 46, n. ed. especial, p. 962-976, set. 2021.

MARX, K. *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão*

em seus diferentes profetas. Trad. Luciano Cavini Martorano, Nélío Schneider e Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Manifesto comunista*. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. Trad. Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2016.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa. Opressor/oprimido. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte, 2019, p. 345-346.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Leituras freireanas sobre educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

POLLI, José Renato. Humanismo marxista em Edward Thompson e Paulo Freire: a educação vista de baixo, in *Filosofia e educação*, Campinas, v.14, n.1, p.167-200, jan./abr.2022.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte, 2019, p. 380-382.

ROSSI, Wagner. *Pedagogia do Trabalho*. Caminhos da educação socialista. São Paulo: Moraes, 1982.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique*. Paris: Éditions Gallimard, 1960.

_____. *Matérialisme et révolution*. In: *Situations III: lendemains de guerre*. Paris: Gallimard, 1949, p. 135-225.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TORRES, Carlos Alberto. Paulo Freire. A dialética hegeliana e o pensamento lógico-estrutural de Paulo Freire. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 3, n. 7, p. 61-78, 1976.

TORRES, Rosa. *Educación popular: un encuentro con Paulo Freire*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. *Filosofia da práxis*. Tradução de Maria Encarnación Moya. 6. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WEILER, Kathleen. Freire and a Feminist Pedagogy of Difference, in *Harvard Educational Review*, Cambridge, MA, v. 61, n. 4, p. 449-474, 1991.